

Rio Grande do Norte.

Brazil.



ALBUM

DO GRÊMIO L. "FREI MIGUELINHO"

ANNO I

Natal, 23 de Outubro de 1932

NUM. 7

DIRECTOR SECRETARIO
Americo Lopes. *Alcibiades Lisboa*
GERENTE
Hildebrando Barros

ALBUM

Commemorando

Singela como as nossas manoiras, porém significativa como as nossas expressões, a festa que no dia 22 de Setembro, deu o Grémio "Frei Miguelinho" em comemoração ao primeiro aniversário de sua fundação traduziu perfeitamente os nossos sentimentos de moços incêndidos do mais puro civismo e da mais fervorosa ciência nas artes e nas letras.

No bem ordenado salão da casa do nosso confrade Anysio Vieira, por elle gentilmente oferecido, reuniram-se a maioria dos socios desta agremiação e diversos cavalheiros, que espontaneamente se dignaram de honrar-nos com os seus insinuantes cumprimentos, para assistir a sessão solenne que ás 7 horas da noite teria ali lugar para commemorar a data de sua fundação, o Grémio L. "Frei Miguelinho".

Cheg da a hora determinada, o socio Adalberto Amorim em um expressivo, embora reunido discurso, faz ver o principal fim aquella reunião, e congratulando-se com a data e mostrando a perseverança e unção de seus collegas em pro de uma causa tão nobre, o terminou por declarar aberta a sessão.

Em seguida, concedida a palavra ao orador official da festa, o Sr. Cyrillino Fernandes,

em phras vibrantes de entusiasmo e de uma sinceridade a toda prova o orador fez os maiores elogios aos seus collegas pela maneira brilhante e união invulgar com que se houve-

ram durante o primeiro periodo de existencia desta associação.

Ao terminar, uma chuva de palmas acolhe as ultimas palavras do illustre orador.

O Sr. João Soares, pondo em campo o seu incontestavel talento e a sua facandia oratoria, pronuncia um bello discurso seguindo pouco mais ou menos, as opiniões externadas pelos oradores que o precederam.

Em ultimo lugar, toma a palavra o socio Hildebrando Barros, 1º secretario desta associação.

Em sua allocução, o estimavel consocio observa que as suas palavras são sem valor se buscarem n'ellas as hyperboles sumptuosas, a impecabilidade do estylo, o correctissimo da forma ou manifestações do talento; porém de alevantado alcance se nellas considerarem as lhanas expressões de um despretençioso adepto das letras, do mais humilde associado. É soh essa attenuação que vem testemunhar a sua satisfação n'esse dia por ver que na Patria Potygnar ainda ha caracões que sabem conservar illesos os bellas preceitos do civismo e que não se deixam corromper pelas mesquinhezas da materia.

Traça um esboço historico d'este Grémio, apothocoseando o nome de Frei Miguelinho, e n'uma entusiasta apologia á mocidade, diz: que se nos tempos em que a civilização dormia, ainda, envolta nas faixas multicores do futuro; se n'uma epocha em que a mythologia e o polytheismo dos Heiemos eram apogio da humanidade, a mocidade ensaiou tão alevantades voos ás plagas do Progresso, o que não lhe competo fazer hoje, hoje que um novo sangue corre-lhe nas veias, que um novo sol esçada-lhe a fronte e que umanova vida desabrocha toda lisada dos mais bellos matizes de uma civilização ultra reacionaria!.

Terminando, o collega apresenta as suas loaes congratulações ao Grémio L. "Frei Miguelinho" que vem

de obter o primeiro tropheo no escaabroso campo de sua evolução.

Encerrada a sessão retiraram-se todos satisfeitos com a expressão de sinceridade e com a feição typica daquella festa literaria.

ES TRIPLEX

(12 de Outubro)

Doze de Outubro!

Manhã de brumas, manhã de nevoas!.. Caravelas no mar empandeiradas adajam á superficie revolta do falso elemento em busca de pouso, quaes enormes cegonhas em busca de ninhos.

Do cada convez ancilosos olhares fixam-se na amplidão e contemplan extaticos ao, longo, as turquesadas nuvens e as esmeraldinas aguas em um intimo abraço.

Alguns pontos prateados que ás ontas transparecem, semelham castas beijos daquello fraternal colloquio. Bocas entreabem-se preguiçosas para exclamarem surdamente:

— Ah! cara patria; vossas manhas não eram brumosas o vossos mares não eram bravos como estes, e nós vos deixamos! Ah! caras esposas, os vossos braços não eram rigidos como estas taboas em que dormimos, os risos de nossos filhos eram mais doces e suaves que este rugir de fera que nos espreita prestes a devorar-nos... e nós vos deixamos.

Ha já dons mezes que não vos vemos; que corremos em busca da gloria, não, do ouro... do ouro, sim, que é para vos dar pão, esposas e fillos, que por aqui erramos em busca de um mundo que sempre nos foge. E quando a fadiga, o cansaço faz nos pender a cabeça sobre as onxarelas e as adriças alcatroadas d'estas caravelas, logo despartamos

PROSPECTO

O ALBUM será publicado duas vezes por mez e assigna-se-lhe a 12000 por trimestre, pagos adiantadamente

REDAÇÃO E OFFICINAS:

Rua Voluntarios da Patria n. 1

assaltados da suprema ventura do termo enegado ao fim da nossa penosa viagem! Erguemo-nos sobreexaltados e, de olhos molhados, voltamos um olhar interrogador ao ceo, que athen se finda, e co o horisonte a nos dizer: — marehar!

Ha trez dias, porein, que com a angustia na voz dirigimo-nos ao nosso capitão: — Sr. com certeza teraoes filhos como nós, familia como a nossa; voltomos a vel-os, capitão, voltomos para a Europa, que lá, nos olhos de nossos filhos, é que havemos de encontrar o mundo que nos promettois. E elle não se compadecoo; não nos acreditou; pedio-nos mais trez dias, trez dias para nos dar riquezas para nos dar um reino, um paraizo...

Pois bem, por todos os advogados celestes e pela coroa do nosso rei D. Fernando em como haveras amanhá de pedir contas a este aventureiro de seu procedimento infame. Ou elle voltará para a Europa, ou então... o seu cadaver será o primeiro a sondar as profundezas d'este abyemo.

Mas, amanhá... quem sabe se amanhá em vez d'este sol nevoento que nos illumina hoje, teremos os osculos gelados das humildas arcias hespanhando-nos o corpo e o marulhar das vagas altorosas como entoando o cantico lithurgico dos mortos?! Não, ha de ser hoje mesmo: morra este miseravel trampolhineiro ou restitua-nos as nossas familias!

—Que morra! que morra!

E este grito lugubre resooou, á sua só voz, de práa á pépa, do estibordo á hombordo, do convez á quilha das trez naus hespanholas como se fosse um grito de guerra, uma contença de morte.

E o que faz Colombo tondo aberto aos seus olhos dous abyemos hiantes? Dormel..

Dormir, Colombo, quando aos teus pés ruge um oceano violento que, como brava fera, procura tragar-to no primeiro momento, e sobre a tua cabeça uma catadupa ameaçadora pres-tes á envolver-te nas suas negras aguas, e para sempre guardar-te?

Sim, era preciso elle desconhecer que no horisonte de sua vida amontoavam-se cumulus e nimbus as portadoras das grandes tempestades

Um furacão, uma borrasca tremenda que se formasse nas aguas das Antilhas, uma revolta em todó

aqueilo deserto moavel, Colombo assistiria impavido o luctaria corajosamente; mas a borrasca que se preparava não era nas aguas de um mar navegavel, de um mar que não transpõe os limites que a natureza traçou-lhe; a revolta que se organisava era n'um oceano profundo como nenhum outro. Invariivo, nascido de duas fontes inseparaveis que são: — a cabeça e o coração humano.

Colombo dormia velado por duas sentinelas: o Genio e o Odio — duas sentinelas inseparaveis!

Emquanto a primeira lhe dizia: acorda, cochador, que está prestes o momento em que será concedida a recompensa de tua audacia e de tua perseverança; acorda, Colombo, e colhe o fruto de tuas locubrações que hoje te mostro!

A segunda dizia-lhe: — Dormo misero que o teu esforço e a tua constancia nada poderão contra mim. Não sabes que sou forte; que moro em todos os corações humanos?

Não sabes que sou eu quem arma todos os braços; que tenho em minhas mãos os corações destes homens que te seguem; que se tomares em desobedecer-me, insensato, eu abortarei os teus planos? Dorme...

—Acorda!...

E a vez do Genio, mais forte que a do Odio, fez erguer Colombo; mas a segunda m is diffavil que a primeira ja vibrava nos corações afflictos de toda marinhagem.

E quando o audaz genovez estava em frente de toda aquella gente em alvoroito um rio triumphal paira em seus labior: «Vinde-me trazer as novas de um novo mundo achado, diz Colombo, já o esperava, meus amigos —

—Não! nós não viemos annunciar-to um novo mundo, e sim a tua morte, brameja a multidão.

—A minha morte?

—Sim! se hoje não retrocederes para a Europa, gritava o Odio pela bocca dos inquietos navegantes emquanto o Genio pela de Colombo, exclamava:

—Matar-me! vós, a quem eu confiei um thesouro. E tudo isto porque? porque prometti-vos um mundo, um mundo que surgirá em breve? Esperai, se hoies, mais um dia, uma hora.

—Terra! terra!

Parte da gávea um grito penetrante. Os braços armados cahem microsamente e os olhares desvairados contemplam o horisonte.

Colombo de joelhos chora de alegria. Era, mais uma vez, o Genio triumphando do Odio!

Efectivamente: lá, muito ao longe, devisa-se, uma cerração escura, onde pontos verdes como a esperanza denunciavam as palmeiras da ilha de Guanahy, depois — S. Salvador.

Paulo da Silva

BIOGRAPHIA DE UM ANJO

A sua historia é tão suave e doce Qual se um perfume de violeta fosse Qual a propria verdade tão singela, E curta, como o foi a vida d'ella.

Chamou-se Bella. E bella era em verdade, (do, No rosto lindo, e d'alma na bondade; E jamais—foi um symbolo tão puro Esse nome, e o terá para o futuro.

Tinha de bella tudo— O rosto, d'anjo, A alma, de santa, o coração de archarjo Quando sorria, a sua patria o — céol Se reflectia em seu olhar sem véo.

Quando brincava, em travessura e graça Lembrava a borboleta que esvoaça; E em tudo revolava essa doçura Que só não commoveu a morte dura.

Creança, na alvorada da existencia Parecia contar a para essencia D'uma alegre, robusta e longa vida; Foi querida, adorada, e trepocida.

Percorreu as veredas perfumosas De vinte mezes! Mais não vivem roças. Quanto mais bella a flor, mais delicada E quanto menos vive — mais chorada! Tal é a sorte d'esse mundo vil! Tal foi o seu destino, flor gentil...

II

Um dia... ella voou, talvez com pena, Desprendendo-se da vida, e foi serena Remontando ao paiz do Eterno Amor, Orar talvez aos pes do Creator.

Jazem seus restos sob um tumulozinho Alvo, pequeno e simples, qual seu ninho, Pobre avezinhal tão bonita e mansa! Que commoção desporta esta lembrança

E sobre a lousa um nome só gravaram: «Bella» Não mais. Assim, tudo extirpou-se (pressaram).

Nasceu... morreu! não teve d'existencia Nem dois annos na terra; e a inclemencia Do mundo não roçou-lhe a veste baptista (mal Levou-a immaculada á festa celestial.

Tal foi de Bella a verdadeira historia Suave, simples, curta. Apenas, a memoria Que de si nos legou será eterna, E doce, pura, santa, bella e terna

1902.

Do "Livro de Bella"

U. G.

VERANEIO

I
Visão

Bil-a que furgo á curva do caminho...
Branco, de neve, gazeo, vaporoso,
O seu vestido mostra-se ufano
Em resguardar-lhe a forma e a tez de
(arminho.

A tela do poente alaga-se de vinho.
Baizando o sol em busca d'outro pouso;
Fecha a natura o ritual do gozo;
Geme no ramo o triste passarinho.

Meu coração palpita como um ninho;
Minha alma canta á tudo indifferente;
Pois se vejo-a na curva do caminhol...

Que importa o sol morrendo em desa-
(linho,
Se vejo alegre um novo sol ardente
Surgir altivo á curva do caminhol

(Recife 14-10-1902)

II
Vis à vis

A mais formosa criação da plastica,
A immaculada deusa do capricho
Vem por aqui! Ella fugio do ninho
Em que guardam-n'a com attenção mo-
(nastica.

Tem no olhar um expressão phantastica
E no andar o sussurro d'um cochicho;
O riso nos labios jorra qual esguicho
Q' lho inundasse a bocca. Entusiastica

Passa deixando nuvens mil de olôres;
Passa galgando um mundo d' esplendo-
(res,
De rainha ou de fada dando visos!

Passa ateando a luz dos seus olhares;
Passa andando o melhor dos seus an-
(dares;
Passarindo o molhor dos seus sorrisos!

Fernando de C.

A Velha Rachel

De lenço á cabeça, passos vagarosos,
olhos fitos no chão e empunhando
do grosso livro de orações, caminha
para a igreja a velha Rachel, cujo
semblante deixa transparecer um co-
ração hypocrita. Ao entrar na igreja
o seu primeiro movimento, depois
de persignar-se á pia, é puxar do bolso
da saia preta um volumoso rosario
que começa a passar, conta a conta,
pelos calosos dedos.

Entra a missa e, na occasiãa em
que o Padre eleva a hostia, Sa Rachel
baixa de tal forma a cabeça que
por um triz não oscula o chão sagrado;
e no momento mesmo de comungar
(o que faz todos os dias) volta
os olhos com ar tão terno e com
tanta piedade que parece a ni is pura
das santas. Mas... (oh hypocrisia!)
ainda bem ella não transpõe os hum-
braes do templo o já em seu coração
começam a aboletar-se idéas incendiarias.

Poucos instantes, ella em casa de
um dos seus innumerados conhecidos:
— Louvado seja N. S. J. Christo.

Prar sempre, responde o dono da
casa, já de ouvidos a escutar a hypocris-
ta beata.

— Entãõ, começa ella: — Já ouvi mi-
nha santa missa e agora me vou che-
gando para os meus affazeres... É ver-
dade, como vão todos os seus?

— Passando regularmente...

— Não sabe quanto estimo.

— O que ha de novo, Sa Rachel?

— Num... c que ha de novo? Vm. não

me, não?! Aquella D. Ignacia...

— E o que ha?

— Uma senhora casada. Serizes! A
ve Maria! Não quero fallar da vida
alheia. Recebi agora mesmo N. Sen-
hor, mas ha certas cousas...

E D. Ignacia não está namorando
com o Joaquim da vendal Vm.º não
conhece aquelle buentão que foi nos-
so visinho?! O mundo já está fallan-
do tambem da filha d'ella com o caix-
eiro do Xico Lopes... Eu não boto
minhas mãos no fogo... Meu Deus
me perdoe, seu Cazuza é um homem
pobre, e que luxo é aquelle daquella
gente? Vm. vé, não ha uma festa em
que ellas não appareçam de vestidos
novos e, meu senhor qm cabras não
tem...

Vm toma? de-me uma pitada...
hum, atchim! Caco bom, ha muito
que não sungo uma pitada tão bóal

Mas... como ia dizendo, a senha-
na passada, (foi Rachel?) eu encon-
trei seu Joaquim o D. Ignacia, passei-
ando jntos, as 10 horas da noite.

Logo por arte do capiroto seu Cazuza
estava de viagem. E o que hão de
dizer as llguas malfasejas? Por mim
ninguem saberia, não sou de suas cou-
sas... Deus me livre e guarde.

Ainda hontem a filha do Severo fugiu
com um conductor de bond, porem
tudo isso está em segredo e se eu for-
se uma mulher cá que eu conheço já
sabia disso gato o sapato... tambem
é mulher linguaruda aquella Sinhá
Venancia da Penha... e, noto Vm,
ella é irmã de Maria...

Bem, a conversa está boa, deixe-me
ir chegando para apremptar o nosso
almosinho. Eu não sei até que ponto
quer chegar a caridade! Um pão,
que até agora custava 2 vintens es-

tá hoje por em tostão. E aquelle
marinheiro da padaria é um ladrão
arrefinado. Se eu fosse homem, ma-
rinheiro não me pisava no Brazil

Quando eu me lembró... agora
vou lhe contar: eu não era mais que
meninota, quando um marinheiro (era
um marinheiro bonito, justiça se lhe
faça...) pediu-me em casamento, e
eu queria. Sabe o que fez o carcerean-
jô? Engeitou-me, agora porque...
porque defronte morava uma
moça de quem elle se cograçou. Tam-
em não sei que graça elle achou
nella, grande moça feia! E até nem
era branca... Eu, Vm. ainda esta
verdo, esta velha, mas no tempo do
moça ful uma das mais bonitas, era
muito gabada.

Depois não ercortrando um rapaz
que me agrada-se, não quiz me ca-
zar.

Hi!.. 10 horas! Deixe-me ir elo-
gando.

— Qual, Sa Rachel, agora espere pa-
ra almoçar.

E a velha matreira, que para isto
contava tantas historias, não oppoz
obstaculos

1902

Braz Bento.

SORRISO

So tu, oh minha Santa poderias
Transformar-me esta vida de amargu-
(ras,

Num templo lacteo-rosco de alegrias,
Onde eu só visse incolumes venturas.

So tu com teu sorriso apagarias
A tela glacial das desventuras,
Onde fluctuam méttas agonias
Nas noutes niveas de dor, e seuras.

Dã-me a cerulea luz destes teus olhos
Para acalmar minh'alma; e ós abrolhos
Da grande dor que no meu peito en-
(cina...

E então tu verás, oh minha Santa
Como meu verso alijfardo canta
No Brocatello mystico da Rima!

Natal

J. GALVÃO

Deixou em recessão de 24 do corrente
o cargo do Thezoureiro deste Geranio,
o distincto collega Odilon G. Filho.
A pedido do eccio Hildebrardo Barres,
foi exarado na acta um voto de lou-
vor e de reconhecimento á digna pos-
são do estimavel conecio que tão bifi-
liantemente cumprio com as attribui-
ções daquello honroso cargo.

TARDE

Ao MONTANO I. EMERENCIANO

No seio enlanguecido do occidente,
Phebo des-canga a fronte ensanguentada
Passa cantando, alem, tranquillamento
A mansa proceissão da passarada.

A florinha mimosa abre contento
A pequena corola perfumada,
Pra receber o teino beijo quente
Do colibry em mansa revoada.

Tudo palpita poesia e amores,
A briza, os passarinhos e as flôres
Que germinam no seio exul do prado.

E, ao contemplar o céu de carmezim
Supponho que será também assim
«A tarde festival do meu noivado.»

Natal

J. GALVÃO

ERRATA:—Na 1.ª col. da 1.ª pag.
sobre *aludado* em vez de *sobresaltado*
no fone o *Vidão*; o 1.º verso do 2.º quar-
teto e ta no original: *Do poente a te-
la aluga-se de vinho*, e não como, por
engano, sahio. E, a sim, muitos outros

O negocio é este

Ora leitores, cada dia que passa
ouço os brados e vejo os lampejos de
um novo poeta que surge; e porque
eu tambem não engendro o meu ver-
bo? E' possível que a natureza seja
tão severa conmigo? Dêem licença se-
us veteranos, que eu vou entrar nas
rimas. Rimarei? Vej mos:

E' forças e mais e' forças
Sem que resultados tiro
Mas já tei a causa e'
Porque não tenho onde me inspira.

Rimei? Parece; mas... isto eu sei

A Fada do Mystério

(4) (Conclusão)

E esse outro não te poderá amar
tanto como eu, eu tenho amor aqui
dentro do coração e não ha fogo ma-
is devorador.

Ouvo-mo, é essa a minha ultima su-
pplica: a outro os teus encantos, o teu
futuro, teu prazer, tua vida, tudo: a
mim despresado, somente um olhar
quando acordares, um suspiro, quan-
do gemeres, uma lagrima quando cho-
rares, um sorriso em tuas alegrias,
um logar em teu coração; um sonho
de tua alma, um fio de teus cabel-
os e uma nota de teus cantos!...

O pobre móço esgotou todas as suas
forças nessa sua supplica desesperada
e extrema, sorrio-se, mas o seu sor-
riso tão saudóse como o gorgoio mo-
ribundo d'umonte n'alando o ultimo
suspiro, expirou...

não faltará quem me diga: «Venha cá
seu poeta, só a historia da rima não
é nada. A cousa é a arte e a metri-
ficação que é forçosamente necessario
não andar com ellas nos ponta-pes.
!!! Em vista e' vou dar um ponto
na boca com este negocio do verso.

Mesmo assim, se não fosse a gran-
de averião que tenho á teima, eu iria
ainda tentar *qualque chose*; mas, qual!

Fico logo com a cabeça *ouca* e na-
da e n'igo. "Quem perfia mata ca-
çõ" podem e' que, meus amigos, eu
creio que já passei pelo periodo em
que a intelligencia e eloquencia na
cabeça dos homens são um phoco do
luz maior que o da fortaleza d'aqui.

Nem pela grandiosa propriedade q'
tem a agua do Baldo do lautar nos
cerebros e dos norte-rio-gradenses es
mais raros specimens de poeta, eu po-
so horilar uma estrophe. Já esgotei
os recursos que *hão* para ser poeta:
ando a noite por todos os escondri-
jos da capital onde vejo alguns de
meas futuros collegas frequentarem
(segundo eu penso elles lá vão á cata
de inspiração), bebo agua do baldo,
passeio ao luar, ando todo altivo e
sobranceiro, leio Camões para ver se
escapa-se uma d'quellas feontelhas e
penetrá no meu cerebro, faço o diabo

Emfim nutro uma esperança;

Quando curar uma patheia que a-
gora atacou-me as algeibeiras, vou com-
prar uma bengalina fina pois me dis-
seram que era o que hoje estava na
ordem do dia a respeito desta *est. oven-
ga* da poesia. Ouço dizer que pre-
tentamente é o distinctivo dos poetas;
ora e veja, quando nada f'ça, con-
quisto a fama. Aprampta-te João Bar-
bosa que em breve eu estarei ali fa-
zendo um *resgateinho*. Bons seta ou
oito mil reis que dão a um illustre des-
conhecido um titulo tão precioso. Se-

rá isto uma mentira?

Repararei bem isto na *poetama* d'-
aqui. Se eu descobrir que é verdade,
Jesus! Desde já annuncio aos leito-
res que no seguinte numero do *ABONUM*
sarão mimoscados com os bocejos de
um poetas que estréa, pois preten-
do no fim do mez applicar um salu-
tar remedio ao dilacerante mal que
corroí impiedosamente minha bolsa.

Aviar-me-hei quanto antes porque
tenho que não se torna chronico.

Leitores, eu penso que já metornei
cacete portanto permitam-me encerrar
aqui minha *seccção*.

Adeusinho, Tenho muitos afazeres e
preciso concluir.

Pede doseulpa pela dose de *amolla*,
ção que vos ingeriu e velho apaixonado
da poesia—

Aleixo Costa.

SONETO

Era uma noite, noite sem luar;
No céu vagar a escuridão se via;
No espaço negro, como é negro o mar,
Escuro ar a escuridão cobria.

Pesadas nuvens com obranceria
Longe se via pelo azul parar,
Até o vento que no passar gemia
Nos parecia tenebroso e tar.

E ao pé da serra que ficava alem
Eu via bem que caminhava alguém,
Guiado apenas pela escuridão.

Era a tri teza quem por lá passava...
Olhos levava de quem la timava
A vida ingrata nesta solidão.

Cyro TAVARES

A esperança era o alvo que se alimen-
tava a lampada da vida de sua alma
este alvo acendeu-se, extinguiu-se a
luz de sua vida. A virgem contem-
plando por um instante o cadaver do
móço, desprendendo um sorriso magoa-
do, foi-se como as nuvens diaphanas
que se caminham para o horizonte.

Ao longe ainda se via as fendas de
seu véo transparente, que tremula-
vam soltas ao vento depois dissepam-
ram-se de todo como as neblinas da
serra espalhadas pelo favonio da ma-
drugada. Noutro dia quando a au-
rora movendo-se nas almofadas pur-
purinas do oriente, sorrio, a virgem
atirada sobre seu leito chorava. Exis-
tia ao pé della uma sombra que não
era do seu corpo; quando se deitava,
era um suspiro como se alguém se
despedisse della; quando acordava,
era um soluço como se alguém a san-
dasse; quando sorria...

mas, nunca mais viram a virgem sor-
rir. Se perguntavam o que ella ti-

na, nada dizia, se instavam muito
lançava um ai dorido arrancado do
meio intimo do peito, e não deixava
ver o fundo de sua alma bem com,
as vagas do oceano não deixam ver
o fundo de seu leito.

.....
Era uma noite de luar o covello
cantava e abria uma ova no cemite-
rio ovio-se uns dobres funerios re-
sou se um officio de finados e algu-
mas pessoas espalhavam um pouco
de terra sobre um esquilho coberto do
preto...

Ao pé do tumulo da douzella exis-
tiam duas sentinellas que alli vela-
vam de continuo, como se fossem dou-
s cyrios bentos a luzir no sanctua-
rio.

Alli ostaváni, quer fosse verão ou
inverno, alvorada ou crepusculo nma
cruz e uma sombra —a cruz soffri-
mento — a sombra do seu amante—

A RELIGIÃO E O AMOR

—FIM—